



Conflitos e Convergências da Geografia 2

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira
(Organizador)

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira
(Organizador)

Conflitos e Convergências da Geografia 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C748 Conflitos e convergências da geografia 2 [recurso eletrônico] /
Organizador Gustavo Henrique Cepolini Ferreira. – Ponta Grossa
(PR): Atena Editora, 2019. – (Conflitos e Convergências da
Geografia; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-333-0

DOI 10.22533/at.ed.330191504

1. Geografia – Pesquisa – Brasil. 2. Geografia urbana. I. Ferreira,
Gustavo Henrique Cepolini. II. Série.

CDD 910.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Nesse segundo volume da Coletânea – “Conflitos e Convergências da Geografia”, publicado pela Atena Editora, realçamos o compromisso inalienável para um debate plural e democrático a partir de diferentes análises geográficas centradas no Brasil. Trata-se de vinte e quatro contribuições oriundas de quinze estados brasileiros, os quais estão vinculados à vinte e uma instituição de ensino, pesquisa, extensão e inovação. No decorrer desse volume as reflexões propostas pelos autores retratam um panorama sobre Geografia Urbana e sua relação e interação com os Estudos Ambientais, Geotecnologias e Cartografia e as possibilidades de inclusão enfatizando o Ensino de Geografia.

Nesse contexto, as discussões e proposições sobre a urbanização, planejamento e normatização do território, segregação socioespacial, uso do espaço público, segurança e insegurança pública, desigualdades sociais, vulnerabilidade socioambiental, mobilidade urbana, acidentes de trânsito, mercado imobiliário, inundações e dinâmica fluvial, permitem inferir a relevância das pesquisas e seus desdobramentos para compreensão de diferentes realidades que convergem ao refletirmos sobre os desafios atuais do planejamento urbano e ambiental no país, cujo direito à moradia digna e a cidade são violados cotidianamente.

Esperamos que as análises publicadas nessa Coletânea propiciem uma leitura crítica e prazerosa, assim como despertem novos e frutíferos debates geográficos que desvendem os caminhos e descaminhos para compreender a realidade brasileira e sua indissociável conexão no bojo da mundialização.

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira
Montes Claros-MG
Outono de 2019

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O PLANO MUNICIPAL DE SANEAMENTO E A NORMATIZAÇÃO DO TERRITÓRIO NO RIO GRANDE DO NORTE	
Matheus Lucena de Macedo Guedes Celso Donizete Locatell	
DOI 10.22533/at.ed.3301915041	
CAPÍTULO 2	13
OS ESPAÇO OPACOS CAICOENSES: DISCUTINDO A SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL DO BAIRRO NOVA CAICÓ	
Iapony Rodrigues Galvão Djalma Amâncio da Silva Neto Lucas Henrique Lima Alves Ricardo Araújo de Lemos	
DOI 10.22533/at.ed.3301915042	
CAPÍTULO 3	22
CONDOMÍNIOS CLUBE EM TERESINA/PIAUÍ: PROCESSO DE TERRITORIALIZAÇÃO E (DES) TERRITORIALIZAÇÃO DA CIDADE	
Elisabeth Mary de Carvalho Baptista Edileia Barbosa Reis	
DOI 10.22533/at.ed.3301915043	
CAPÍTULO 4	32
AS MULTITERRITORIALIDADES NA PRAÇA DA BANDEIRA-CAMPINA GRANDE- E SUAS INFLUÊNCIAS NO DEBATE SOBRE A CONCEPÇÃO DE ESPAÇO PÚBLICO	
Leticia Barbosa Bomfim Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.3301915044	
CAPÍTULO 5	41
TERRITÓRIOS DO MEDO: UMA ANÁLISE SOBRE A SENSAÇÃO DE INSEGURANÇA NOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE CAMPINA GRANDE	
Pedro de Farias Leite e Silva Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.3301915045	
CAPÍTULO 6	56
UMA REFLEXÃO SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES DO CENTRO COMERCIAL DE SUMÉ-PB DIANTE DO ATUAL CONTEXTO LOCAL/REGIONAL	
Gustavo dos Santos Costa Lincoln da Silva Diniz	
DOI 10.22533/at.ed.3301915046	
CAPÍTULO 7	67
A IMPORTÂNCIA DA CRIAÇÃO DO CADASTRO TERRITORIAL MULTIFINALITÁRIO PARA CIDADE DE SOBRAL-CE	
José Antônio Alves Lino	

DOI 10.22533/at.ed.3301915047

CAPÍTULO 8 75

VULNERABILIDADE SOCIOAMBIENTAL À DENGUE NO RECIFE – PE

Caio Américo Pereira de Almeida
Rafael Silva dos Anjos
Henrique dos Santos Ferreira
Ranyére Silva Nóbrega

DOI 10.22533/at.ed.3301915048

CAPÍTULO 9 83

A IMPOSSIBILIDADE DA OPERAÇÃO URBANA CONSORCIADA COMO UM INSTRUMENTO DE DISTRIBUIÇÃO DE RENDA E DE REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES SOCIAIS: UM ESTUDO DE CASO DA OUC-ACLO REALIZADA PELA PREFEITURA DE BELO HORIZONTE

Pablo Maia Barbosa
Linda Clara Oliveira Pontes

DOI 10.22533/at.ed.3301915049

CAPÍTULO 10 92

A PRODUÇÃO DO ESPAÇO DIANTE DO LIMITE ESTRUTURAL DO CAPITAL: RENDA DA TERRA URBANA, AMBIENTE CONSTRUÍDO E DESSUBSTANCIALIZAÇÃO DO CAPITAL

Thiago Teixeira da Cunha Coelho

DOI 10.22533/at.ed.33019150410

CAPÍTULO 11 105

O BRT COMO UMA ALTERNATIVA PARA A MOBILIDADE URBANA: O CASO BOGOTÁ E DO RIO DE JANEIRO

Ricardo Maia de Almeida Junior
Renato Paiva Rega
Saullo Diniz dos Santos Macedo
Felipe da Rocha Santos

DOI 10.22533/at.ed.33019150411

CAPÍTULO 12 115

O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO EM MOÇAMBIQUE – ÁFRICA

Ester Tomás Natal Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.33019150412

CAPÍTULO 13 127

A DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DOS ACIDENTES DE TRÂNSITO NA CIDADE DE JARAGUÁ DO SUL-SC NO PERÍODO DE 2012 À 2015

José Roberto Machado
Larissa dos Santos
Pamela Aline Gorges

DOI 10.22533/at.ed.33019150413

CAPÍTULO 14	140
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA: OS MOTIVOS DA SUA PROCURA SEGUNDO SEUS USUÁRIOS	
José Roberto Machado	
DOI 10.22533/at.ed.33019150414	
CAPÍTULO 15	157
O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM A DENSIDADE DA ARBORIZAÇÃO NO CENTRO DE PONTA GROSSA – PR	
Sandra Stocker Kremer Tadenuma Silvia Meri Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.33019150415	
CAPÍTULO 16	166
ESPAÇO, TERRITÓRIO E LAZER: UM ESTUDO SOBRE A LAGOA MAIOR EM TRÊS LAGOAS/MS	
Matheus Guimarães Lima	
DOI 10.22533/at.ed.33019150416	
CAPÍTULO 17	179
PRODUÇÃO DA HABITAÇÃO EM UMA CIDADE MÉDIA: ANÁLISE DO PROGRAMA MINHA CASA MINHA VIDA-PMCMV EM DOURADOS-MS	
Lidiane Cristina Lopes Garcia de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.33019150417	
CAPÍTULO 18	186
NOVAS ESTRATÉGIAS DE ATUAÇÃO DO MERCADO IMOBILIÁRIO E PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO EM MACAPÁ-AMAPÁ	
Eliane Aparecida Cabral da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.33019150418	
CAPÍTULO 19	194
ESCOLAS SITIADAS E NOVO URBANISMO MILITAR: UM OLHAR SOBRE MILITARIZAÇÃO DAS ESCOLAS NO SUDESTE GOIANO	
Raul Castro Brandão Estevane De Paula Pontes Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.33019150419	
CAPÍTULO 20	202
OS EVENTOS DE INUNDAÇÕES NA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO ITABAPOANA – RIO DE JANEIRO, BRASIL	
Yago de Souza Verling Vinicius de Amorim Silva	
DOI 10.22533/at.ed.33019150420	

CAPÍTULO 21	215
ABORDAGENS SOBRE A DINÂMICA FLUVIAL E DE SEDIMENTOS DO RIO TABOCO EM MATO GROSSO DO SUL	
Rennan Villhena Pirajá Diego da Silva Borges Mauro Henrique Soares da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.33019150421	
CAPÍTULO 22	231
GEOTECNOLOGIAS E MAPAS ONLINE: CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICAS SOBRE NOVAS POSSIBILIDADES DE REPRESENTAÇÃO CARTOGRÁFICAS	
José Alves de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.33019150422	
CAPÍTULO 23	239
O USO DA CARTOGRAFIA TÁTIL COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO PARA OS DEFICIENTES VISUAIS	
Mateus Gouveia Alves Divino José Lemes de Oliveira Silvaci Gonçalves Santiano Rodrigues Heider Danilo de Oliveira Bruno Nascimento Duarte	
DOI 10.22533/at.ed.33019150422	
CAPÍTULO 24	246
O ENSINO DE GEOGRAFIA PARA ALUNO COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL (DI) E AS DIFICULDADES DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA. UM ENSAIO	
Dayane Caroline Gomes da Silva Dias	
DOI 10.22533/at.ed.33019150424	
SOBRE O ORGANIZADOR	256

ESPAÇO, TERRITÓRIO E LAZER: UM ESTUDO SOBRE A LAGOA MAIOR EM TRÊS LAGOAS/MS

Matheus Guimarães Lima

Universidade Federal da Grande Dourados –
UFGD
Dourados – Mato Grosso do Sul

RESUMO: O presente trabalho visa compreender de que maneira a Lagoa Maior se tornou o principal espaço de lazer urbano em Três Lagoas/MS. A Lagoa Maior atualmente se caracteriza como um espaço de lazer de caráter majoritário no contexto urbano no qual está inserida. Além das duas pistas de caminhada pavimentadas em sua orla, a existência de diversos equipamentos urbanos de lazer relacionados também à prática esportiva leva sujeitos de diferentes grupos e tribos urbanas a se apropriarem do espaço. Temos como objetivo compreender os diferentes momentos históricos pelo qual a Lagoa Maior passou desde o início do século XX até a atualidade, já consolidada como espaço de lazer urbano.

PALAVRAS-CHAVE: Território; Espaço; Lazer.

ABSTRACT: This paper aims to understand how Lagoa Maior became the main urban leisure space in Três Lagoas/MS. Lagoa Maior currently is a leisure space of major character in the urban context in which it is inserted. In addition to the two paved hiking trails on its border, the existence of urban recreational

equipment also related to sports practice leads citizens from different urban groups and tribes to space appropriation. We aim to understand the different historical moments through which Lagoa Maior went from the beginning of the twentieth century until nowadays, already consolidated as an urban leisure space.

KEYWORDS: Territory; Space; Leisure.

1 | INTRODUÇÃO

O lazer tem sido constantemente debatido nas últimas décadas, principalmente no âmbito das Ciências Sociais. Mais recentemente, o lazer como tema de pesquisa tem se inserido na Geografia, o que possibilita empreender análises relacionadas aos processos de produção do espaço – e territorialização – nas cidades (USHER; EDWARDS, 1994; XAVIER, 2007; THOMAZ, 2010; SILVA, 2012).

Nesse sentido, Lima e Aranha-Silva (2017a, p. 4) alertam que:

Dentre os estudos geográficos, o lazer é analisado de um modo geral em conjunto com o turismo, na disciplina de Geografia do Turismo. É importante, entretanto, compreender o lazer em um contexto urbano que não está relacionado ao turismo, mas sim com a vida cotidiana na cidade.

De maneira similar, Gomes (2008) afirma que o lazer é entendido por muitos:

Em seu sentido restrito, como artes e espetáculos, e nestes estariam envolvidos uma série de manifestações do lazer. Este fato ocorre, principalmente no trato com as políticas públicas de lazer. Com algumas exceções, uma ação bastante comum é a oferta de atividades esporádicas, o que reforça a concepção de lazer como um simples produto a ser oferecido (p. 4).

Reis e Cavichioli (2008, p. 3) defendem que:

Não é possível encontrar um primórdio absoluto para o surgimento do lazer, afinal é inaceitável imaginar a existência de um período histórico no qual, de um instante para o outro, o fenômeno tenha simplesmente aparecido como algo completamente novo, sem qualquer antecedência histórica. Sendo o lazer um fenômeno social que faz parte de uma longa e intensa cadeia de processos sociais, a busca por suas raízes históricas deve estar voltada não para a descoberta de um marco decisivo, mas para a compreensão de como esse processo cego foi se constituindo no decorrer da história da humanidade, de como e por que algumas de suas características permaneceram ao longo dos tempos enquanto outras desapareceram, de como foi se transformando e se adaptando face às modificações sociais ao mesmo tempo em que, de maneira inversa, provocava ou facilitava essas modificações.

Na busca pela origem histórica do lazer, encontramos duas correntes distintas: a) Uma corrente defende que o lazer já se materializava em sociedades antigas (RUSSELL, 2002; CUNHA, 2016); b) A outra corrente sustenta que o lazer é um fenômeno moderno que surgiu nas sociedades urbanas industriais modernas e que ganhou importância, sobretudo, nas últimas três décadas, nas sociedades pós-fordistas. Esse período, é o período a que nos referimos como período pós-moderno (HARVEY, 2003; GOMES, 2003; SERPA, 2007; BAUMAN, 2007).

No período pós-moderno, as cidades tornam-se, sob alguns aspectos, lugares permeados pela desordem e carentes de áreas verdes de lazer à disposição dos cidadãos (GOMES, 2003; HARVEY, 2003; SERPA, 2007).

De acordo com Lima e Aranha-Silva (2017a, p. 4):

A oferta de espaços de lazer é um dos fatores que interfere na qualidade de vida e no bem estar urbano dos cidadãos. Os espaços de lazer públicos são disponibilizados e equipados principalmente pelo poder público, mas também pelo capital privado, porém um lugar somente se torna um espaço de lazer quando ocorre o processo de apropriação por parte dos sujeitos, que, conseqüentemente se territorializam, objetivando praticar o lazer.

Entendemos, dessa maneira, que a existência de espaços públicos de lazer é uma necessidade de enorme importância nas cidades contemporâneas. Alguns estudos sustentam ainda, que espaços que possuem relação com corpos d'água, como a Lagoa Maior, também são de predileção dos sujeitos (RECKZIEGEL 2009, p. 49). Nesse prisma, a referida autora afirma que:

Árvores, arbustos e outras plantas menores desempenham função importante para

o recinto urbano e para seus habitantes, pois ajudam no controle do clima e da poluição, e contribuem para a valorização de áreas urbanas. Estudos da UNESCO/MAB em 1992 no Estado de São Paulo constataram que a função e significado da vegetação no meio urbano está ligada, principalmente, ao seu valor estético e às funções de equilíbrio e conforto ambiental. Além disso, contribuem psicologicamente para sensação de bem-estar através da amenização da presença de edificações, veículos e grande quantidade de pessoas (RECKZIEGEL, 2009, p. 48).

Ao se tratar de cidades que passam por processos de incremento demográfico latente – como Três Lagoas (Figura 1) –, a importância dos espaços públicos de lazer se faz ainda mais significativa, já que o maior número de habitantes faz crescer a demanda por lazer e áreas verdes de uso público gratuito.

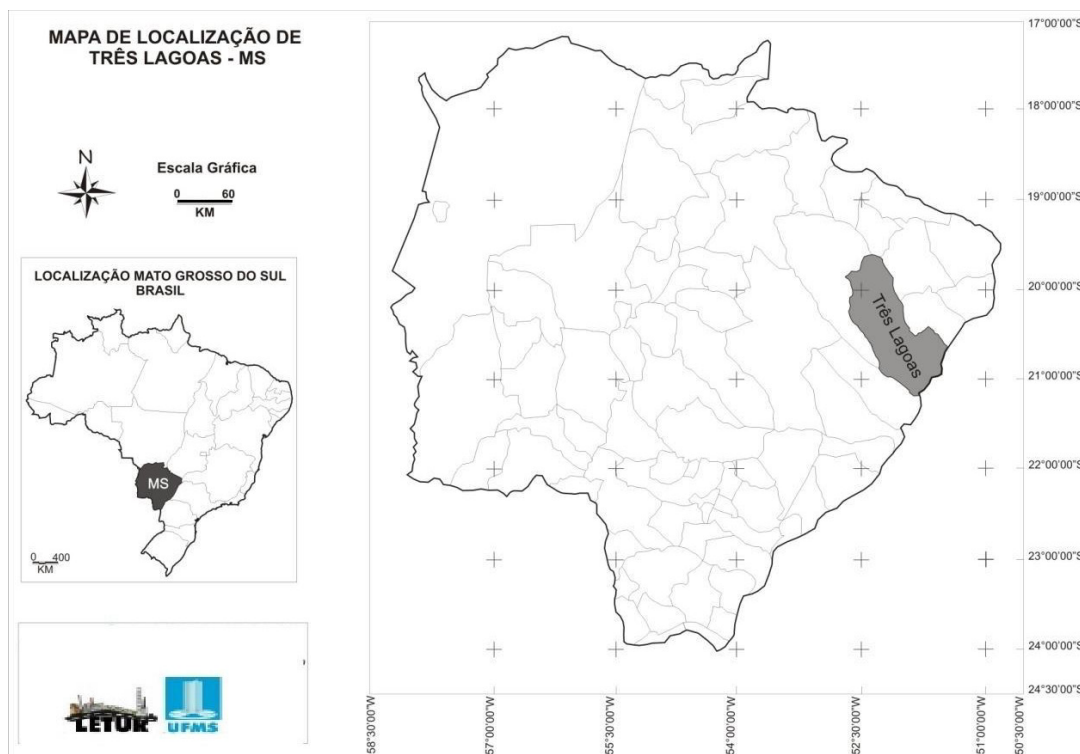


Figura 1 – Localização de Três Lagoas/MS.

Elaboração: LIMA, M. G., 2018.

2 | OBJETIVOS E METODOLOGIA

No presente trabalho, buscamos contextualizar a história dos diferentes processos de apropriação do espaço e territorialização ocorridos na Lagoa Maior em Três Lagoas/MS, associando-os à práticas de lazer. Objetivamos, dessa forma, trazer ao campo do debate os – importantíssimos – conceitos geográficos de espaço e território, atendendo-nos às suas complexidades conceituais.

Metodologicamente, recorreremos à pesquisa bibliográfica, relacionada principalmente aos conceitos de: lazer, espaço e território. A pesquisa bibliográfica possibilitou uma análise integrada entre os conceitos mencionados, bem como sobre os processos e dinâmicas relativos à produção do espaço na Lagoa Maior. Quanto à

pesquisa bibliográfica, Lima (2018a, p. 11), defende que:

A pesquisa bibliográfica é um instrumento muito importante na construção de trabalhos científicos e influencia todas as suas etapas, fornecendo o embasamento teórico no qual o trabalho se apoia. Realizada por meio de leituras e fichamentos de informações pertinentes à investigação do objeto de estudo, é necessária e antecede todo trabalho científico, mesmo que de maneira preliminar.

Além da pesquisa bibliográfica, destacamos o trabalho de campo como procedimento metodológico. O trabalho de campo constitui um procedimento metodológico, “que remonta à um período anterior à sistematização da Geografia enquanto ciência, no século XIX” (LIMA, 2018b, p. 5).

De acordo com Suertegaray (1996, p. 2) a Geografia, ao longo do tempo:

Valorizou sobremaneira o trabalho de campo. Este era concebido como indispensável ao conhecimento da realidade (espaço geográfico) e seria através dele que os geógrafos teriam as informações à compreensão da organização dos lugares.

De acordo com Lima (2018a, p. 6):

Os trabalhos de campo tem sido amplamente utilizados em pesquisas geográficas pois possibilitam articulação entre o conhecimento teórico adquirido em sala de aula e o conhecimento prático que somente é adquirido na vivência do campo.

De maneira similar, Silveira (1936, p. 72) salienta que o trabalho de campo “torna mais apurada a capacidade de observação e ganham os conhecimentos a solidez que só o contato com a realidade objetiva pode dar”

3 I APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO E TERRITORIALIZAÇÃO NA LAGOA MAIOR

De acordo com Ratzel (1990), no âmbito político, tradicional, o território é o espaço em relação de dominação com um poder maior – (Estado-Nação) –, poder que é estabelecido a partir de instituições, bem como por meio de legislações específicas, “sendo os sujeitos que vivem dentro dos limites daquele espaço delimitado por fronteiras submetidos a esse poder” (LIMA, 2018, p. 30).

Conforme Turra Neto (2008, p. 467):

Durante muito tempo, a ideia tradicional de território esteve associada a uma área contígua, delimitada por uma cultura homogênea ou por um Estado-Nação, com soberania e controle de suas fronteiras. A Geografia e a Ciência Política tradicionais foram grandemente responsáveis pela fixação dessa perspectiva.

Segundo Raffestin (1993, p. 143), o conceito de território é bastante amplo. Se estende além de definições físicas, relacionadas à geologia, geomorfologia e à topografia (LIMA, 2018b). Nessa perspectiva teórica, o território é a expressão da “materialização da dominação do espaço, assim como das relações de poder que se

projetam e se apropriam do espaço” (LIMA, 2018a, p. 31).

Segundo Haesbaert (2007):

Desde a origem, o território nasce com uma dupla conotação material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de “*terra-territorium*” quanto de “*térreo-territor*” (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo – especialmente para aqueles que, com esta dominação ficam alijados da terra, ou no “*territorium*” são impedidos de entrar (p. 20).

Quando tratamos de território, é comum utilizar termos como apropriação e dominação do espaço (LEFEBVRE, 1975; RAFFESTIN, 1993; SOUZA, 1995; HAESBAERT, 2009). De acordo com Lima (2018a, p. 33):

O espaço seria o movimento das relações entre a concretude física do planeta e a humanidade. As relações de trabalho incidem sobre a produção do espaço, que se entende como um inseparável conjunto de objetos geográficos, naturais e sociais, associados à dinamicidade constante da sociedade.

Quanto à apropriação, Lefebvre (1975) sustenta que a apropriação é a finalidade da vida social dos sujeitos:

O conceito de apropriação é um dos mais importantes que nos tem podido legar séculos de reflexão filosófica. A apropriação não arrasa, mas transforma a Natureza – o corpo e a vida biológica, o tempo e o espaço disponibilizados – em bens humanos. A apropriação é a meta, a finalidade da vida social. Sem a apropriação, pode existir crescimento econômico e técnico, mas o desenvolvimento social propriamente tal se mantém nulo (p. 164).

Dessa forma, empreendemos estudo sobre as dinâmicas relacionadas ao lazer na Lagoa Maior em Três Lagoas/MS, tendo como pressuposto que “um espaço se torna um espaço de lazer como consequência da sua apropriação por sujeitos que têm o lazer como objetivo”, no qual se territorializam (LIMA, 2018a, p. 5).

Atualmente, a Lagoa Maior é o principal espaço de lazer urbano público gratuito em Três Lagoas /MS, recebendo diariamente – com aumento de fluxo aos fins de semana – milhares de pessoas de diferentes idades e classes sociais. Conhecida também, entre a população local, como Primeira Lagoa, a Lagoa Maior está localizada bem próximo ao centro de Três Lagoas, na latitude 20°46’ S e na longitude 51°43’ W (LORENZ-SILVA, 2004).

Segundo Lorenz-Silva (2004), a Lagoa Maior (Figura 2) ocupa área de 418.000 m² e tem apenas três metros de profundidade em seu ponto mais profundo, sendo assim, uma lagoa pouco profunda.



Figura 2 – Imagem de satélite da Lagoa Maior. Fonte: GOOGLE EARTH, 2018. Elaboração: LIMA, M. G., 2018.

Os equipamentos destinados à prática esportiva e a exuberância natural “lhe conferem status de espaço de lazer de caráter majoritário no contexto urbano” de Três Lagoas (LIMA; ARANHA-SILVA, 2017a, p. 8).

No início do século XX, os pioneiros na ocupação da região, de acordo com Lima e Aranha-Silva (2017a), já demonstravam interesse por transformar a Lagoa Maior em um espaço de lazer.

Ainda em fins do século XIX um dos pioneiros de Três Lagoas, Antônio Trajano dos Santos ergueu sua residência ao lado da Lagoa, passados alguns anos outras pessoas passaram a se estabelecer na área e conseqüentemente não tardou a surgirem comércios, quando já havia mais de 500 pessoas ali estabelecidas, por volta de 1905 (LORENZ-SILVA, 2004, p. 16).

Nesse período, a Lagoa Maior era apenas um entreposto comercial, no qual tropeiros pernoitavam, bem próximo à estação ferroviária da antiga ferrovia Noroeste do Brasil (NOB), como sustenta Oliveira (2007, p. 112).

Aos domingos suas margens transformavam-se em pista de carreira e apostas de cavalos, as gramíneas que margeavam a lagoa serviram de pastos e sua água de bebedouro para as boiadas que ali pernoitavam. Era, também, o Embarcadouro Municipal onde embarcavam no trem milhares de bois e toneladas de madeiras, que seriam comercializadas no estado e na região (OLIVEIRA, 2007, p. 113)

De acordo com Lima e Aranha-Silva (2017a, p. 6):

Somente no ano de 1939 ocorreu a primeira tentativa de fazer da Lagoa Maior um espaço público de lazer. Naquele ano, o poder público inaugurou o Balneário da Lagoa, e, na primeira fase, foram colocados pedalinhos na Lagoa e foram construídos tablados de madeira em suas margens. As amenidades e os equipamentos instalados, bem como a ausência de outros lugares similares corroboraram para que a Lagoa Maior rapidamente passasse a ser frequentada por uma vasta gama de

sujeitos, que tinham em comum a busca pelo lazer, indo desde moradores da cidade até moradores de fazendas consideravelmente distantes.

Posteriormente, de acordo com Oliveira (2007, p. 111), foi instalado um “complexo” de lazer aquático, bastante moderno para a época, que contava com trampolins para saltos na água, além de banheiros e vestiários (Figura 3):

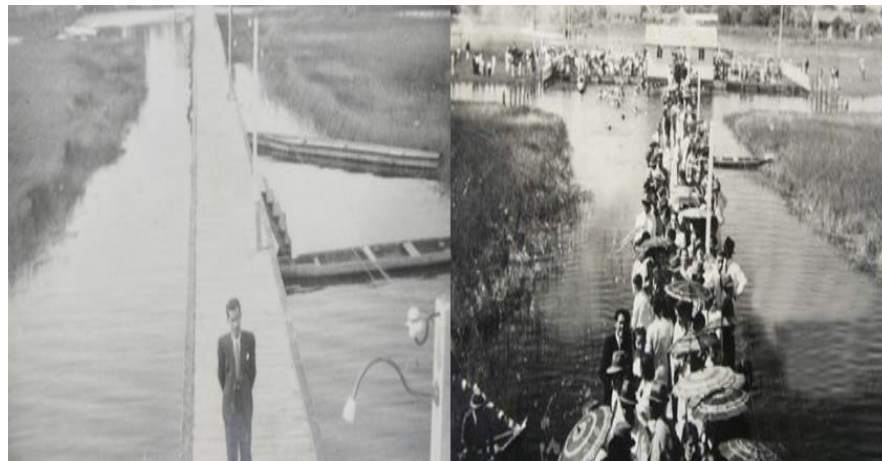


Figura 3 - Balneário da Lagoa Maior, 1939. Fonte: LEVORATO, A. V., 1999. Elaboração: LIMA, M. G., 2018.

O Balneário da Lagoa, entretanto, teve vida curta e os cidadãos não puderam usufruir do espaço por muito tempo. Pouco a pouco, o número crescente de frequentadores transformou a Lagoa Maior em uma miscelânea social e cultural, “visto que seus frequentadores tinham origens e costumes distintos, além de pertencerem a classes sociais diferentes” (LIMA, 2018a, p. 123).

O espaço público de maneira geral carrega consigo o poder de possibilitar encontros impessoais e anônimos em conjunto com a co-presença de diferentes grupos sociais que compartilham do mesmo território (SOBARZO, 2005, p. 16 apud LIMA; ARANHA-SILVA, 2017b, p. 6).

Embora compartilhassem o mesmo espaço de lazer, as interações entre os sujeitos nem sempre ocorriam de forma harmoniosa e “logo passou a ocorrer animosidades e enfrentamentos” (LIMA, 2018a, p. 124).

O lugar passou a ser frequentado por pessoas de diferentes classes sociais, dentre elas, famílias, pessoas sóbrias, outras embriagadas, desocupados, forasteiros e outros. Desse modo, as provocações, brigas e discussões eram constantes. Assim, a violência crescente fazia vítimas por meio de tiros disparados e facadas. Sendo o balneário, ao mesmo tempo, um lugar de lazer e vida, violência e morte e local propício para o esconderijo de foragidos da polícia, foi necessário decretar o fechamento do balneário (OLIVEIRA, 2007, p. 112).

Em 1941 apenas um ano após a inauguração, o Balneário da Lagoa foi fechado e “no mesmo ano, um incêndio criminoso destruiu todas as instalações desocupadas, colocando definitivamente um fim no Balneário da Lagoa” (LIMA; ARANHA-SILVA,

2017a, p. 5).

O fechamento do Balneário da Lagoa foi lamentado por alguns setores da sociedade que tinham nele sua principal opção de lazer, entretanto outros setores comemoraram o seu fim. Pouco tempo depois, ainda em 1941, um incêndio criminoso acabou por destruir o que restava da estrutura construída, definitivamente encerrando o Balneário da Lagoa. Ocorreu então processo de desterritorialização na Lagoa Maior. Bares e restaurantes se fecharam, tendo em vista a queda no fluxo de pessoas que seguiu o fechamento do Balneário da Lagoa. Tendo se tornado um lugar ermo, a Lagoa Maior passou a ser utilizada como fonte de matéria prima para a produção de telhas e tijolos, embora sua argila fosse de baixa qualidade. Assim, podemos falar de um processo de mudança de funcionalidade. O número de olarias cresceu gradualmente, chegando-se ao total de 28 olarias localizadas em suas margens e, que empregavam centenas de oleiros. A Lagoa Maior passou a ser território dos oleiros que lhe imprimiram nova territorialidade (LIMA, 2018a, p. 123).

Nesse sentido, Rosendahl (2005, p. 201) afirma que:

O território é, em realidade, um importante instrumento da existência e reprodução do agente social que o criou e controla. O território apresenta além do caráter político, um nítido caráter cultural, especialmente quando os agentes sociais são grupos étnicos, religiosos ou de outras identidades.

Em razão das atividades das olarias, a água da Lagoa Maior se degradou em ritmo acelerado, tornando-se totalmente imprópria para o desenvolvimento de práticas esportivas e lazer de qualquer espécie, assim como o seu entorno (LIMA, 2018a).

A degradação ambiental não demorou muito a se fazer presente e a proposta do poder público de ter um espaço público de lazer na Lagoa passou a ficar cada vez mais distante de ser implementada de fato, perdurando por décadas como um ambiente degradado (LIMA; ARANHA-SILVA, 2017a, p. 4).

Ainda na primeira metade da década de 1940, não mais que quatro anos depois do fechamento do Balneário da Lagoa, a situação já era crítica, e a Lagoa Maior foi definida como: de “águas débeis, esgotada; quase sem vida”, de acordo com Aranha-Silva (1992, p. 119).

Nas décadas seguintes, perdurou o processo de degradação ambiental e, com exceção dos oleiros, a Lagoa Maior tornou-se um lugar “pouco frequentado e evitado pela população em geral” (LIMA, 2018a, p. 124).

4 | A LAGOA MAIOR NOVAMENTE COMO ESPAÇO DE LAZER

Somente depois de cinco décadas, no início da década de 1990, ações do poder público em parceria com a Associação Comercial local possibilitaram que a Lagoa Maior pudesse ser novamente utilizada como espaço de lazer.

As alterações paisagísticas se fazem condicionante à atração de frequentadores em áreas turísticas – a própria Lagoa se tornaria cartão-postal da cidade – transmitindo

acolhimento e sensação de segurança e mesmo de orgulho de se inserir nesse espaço, sob a ótica de pertencimento e apropriação. Foram construídas duas pistas para corrida e caminhada ao redor da lagoa, bem como a instalação de equipamentos de prática esportiva. Houve ainda tratamento paisagístico com o plantio de grama e de árvores, além da introdução de alevinos na água, para o povoamento com peixes típicos da região (LIMA; ARANHA-SILVA, 2017b, p. 9).

Em meados da década de 2000 ocorreu a consolidação definitiva da Lagoa Maior (Figura 4) como espaço público de lazer, de acordo com Lima e Aranha-Silva (2017b, p. 9):

Em 2004, novamente a Prefeitura Municipal implementou melhorias e novos equipamentos e edificações no entorno da Lagoa. Foi ainda construída uma academia ao ar livre; instalou-se um chafariz dentro da Lagoa, questionado por alguns pela preocupação com aspectos paisagísticos e ambientais, além da construção de uma pista de skate, que logo se tornou referência para a tribo urbana dos skatistas, que fizeram daquele ponto seu território, apropriando-se e ali produzindo o espaço por meio das singularidades de suas práticas esportivas e culturais, configurando-se como um espaço de lazer.

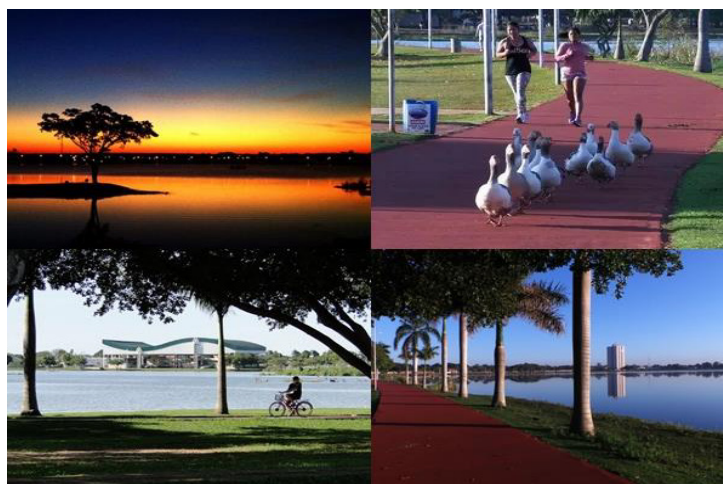


Figura 4 - Lagoa Maior. Fonte: LIMA, M. G., 2018.

Devemos salientar, entretanto, que paralelamente outra modalidade de lazer passou a ser desenvolvida no contexto de contiguidade espacial da Lagoa Maior. Falamos aqui do lazer noturno. “Atendo-nos às diferentes tipificações do lazer, abordamos aqui [...] o lazer noturno, cuja prática é muito associada aos jovens, sobretudo nas cidades” (LIMA, 2018a, p. 53).

O lazer noturno se refere aos momentos de divertimento e entretenimento/recreação que se dão em horários de não trabalho, convencionalmente após as 18 horas, do anoitecer ao amanhecer, exclusivamente em espaços privados de lazer (LIMA, 2018a, p. 53).

Aos poucos, “diversos bares e restaurantes que se constituem em fixos polarizadores de fluxos” foram abertos, estabelecendo-se também uma mancha de lazer, “fruto da apropriação do espaço e de sua especialização e coesão enquanto

território de lazer” (LIMA, 2018, p. 54). Cabe salientar, que mancha de lazer, de acordo com Magnani (1996, p. 40), é uma:

Área contígua do espaço urbano dotada de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando – uma atividade ou prática predominante. Numa mancha de lazer os equipamentos podem ser bares, restaurantes, cinemas, teatros, o café da esquina etc., os quais, seja por competição ou complementação, concorrem para o mesmo efeito: constituem pontos de referência para a prática de determinadas atividades.

No que toca ao esporte e suas práticas, a última grande obra na Lagoa Maior foi a inauguração do Ginásio de Esportes da Lagoa (Figura 5), em junho de 2013, como sustentam Lima e Aranha Silva (2017b, p. 9):

Construiu-se um moderno centro poliesportivo de grande dimensão e que inserido no contexto da Lagoa Maior faz de si próprio um fixo polarizador de fluxos, [...] todos os dias da semana com intuito de prática esportiva, seja o vôlei, o basquete ou o futsal (esportes em equipes que ali jogam e treinam).



Figura 5 - Ginásio de Esportes. Fonte: LIMA, M. G., 2018.

Na atualidade grande número de pessoas frequenta a Lagoa Maior diariamente, refletindo o amplo crescimento populacional de Três Lagoas, como aponta Lima (2018a):

O grande crescimento populacional do município é atribuído à ampliação do parque industrial, que atraiu grande número de migrantes à procura de trabalho, oriundos, sobretudo, das regiões Norte e Nordeste do Brasil. Houve, entretanto, migração de outras regiões do país e até do exterior, com comunidades de haitianos e árabes, de migração recente, na cidade. Em 2006, Três Lagoas tinha população de 87.113 habitantes, ao passo que, em 2017, a população estimada é de 117.477 habitantes (IBGE, 2017) (p. 128).

Considerando-se o período de pouco mais de uma década, verificamos que a média anual de crescimento populacional em Três Lagoas foi de 3,1%, superior à média nacional, que é de 0,77%, e também superior à média mundial, que é de 1,2% (Figura 6).

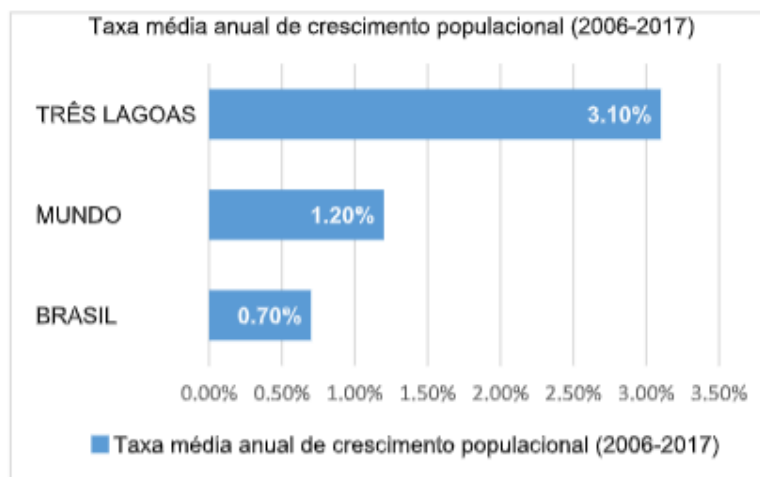


Figura 6 – Gráfico de médias anuais de crescimento populacional. Fonte: IBGE, 2017. Elaboração: LIMA, M. G., 2018.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Lagoa Maior, em Três Lagoas, passou por diversos processos de produção do espaço ao longo da história de sua ocupação. A partir da inauguração do Balneário da Lagoa em 1940, ocorreu uma tentativa do poder público de instituir um espaço público de lazer, por meio da instalação de pedalinhas, trampolins, banheiros e vestiários.

Como mencionado, entretanto, o Balneário da Lagoa teve sua existência limitada a um solitário ano, sendo descontinuado em 1941. Em 2004 a Lagoa Maior de fato ganhou características de espaço de lazer, com a inauguração de um moderno complexo poliesportivo, construído pelo poder público. Como consequência, “o número de frequentadores cresceu, sendo esses os sujeitos que se apropriam do espaço, identificando-se com o espaço e conferindo-lhe valor simbólico, isso é, se territorializando” (LIMA, 2018b, p. 11).

Salientamos, ainda, que, desde meados da década passada, o município tem passado por processo de expansão em seu parque industrial, o que contribuiu com o processo de migração pelo qual Três Lagoas recebeu dezenas de milhares de pessoas (LIMA; ARANHA-SILVA, 2017a). Em 2006 a população do município era de 87.113 habitantes, e no ano de 2017 essa população é de 117.477 habitantes, de acordo com estimativa do IBGE (2017), o que representa crescimento populacional de mais de 30% em uma década.

A chegada de novos moradores teve diversos desdobramentos em Três Lagoas, entre os quais, o processo em que maior número de pessoas optam pela Lagoa Maior como espaço de lazer. Nesse sentido, sua importância fica evidenciada, sendo difícil conceber a cidade de Três Lagoas sem sua presença.

Diante do exposto, concluímos que, na atualidade, após cerca de um século de ocupação e idealização, a Lagoa Maior, enfim, se caracteriza como um espaço público de lazer urbano. Salientamos, também, que, ao longo dos próximos anos e

décadas, esse processo – de valorização da Lagoa Maior enquanto espaço de lazer público gratuito – deve seguir, seguramente suscitando novos estudos que busquem compreender a produção do espaço nesse lugar específico.

REFERÊNCIAS

ARANHA-SILVA, E. **Três Lagoas**: uma interpenetração do rural com o urbano. 1992. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista – UNESP, Presidente Prudente, 1992.

BAUMAN, Z. **A vida fragmentada**: ensaios sobre a moral pós-moderna. Lisboa: Relógio d'água, 2007.

CUNHA, N. Lazer na Roma Antiga. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 3, n.1, p. 31-37, 2016.

GOMES, C. L. **Significados de recreação e lazer no Brasil**: reflexões a partir da análise de experiências institucionais (1926-1964). 2003. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

GOOGLE. **Google Earth**. Version 7.3.0.3832 (64-bits). 2018. Três Lagoas, MS. Disponível em: <<https://www.google.com.br/intl/pt-BR/earth/>>. Acesso em: 17 jul. 2018.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

_____. Território e Multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, 2007.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1993.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Anuário Estatístico do Brasil**. Rio de Janeiro, v. 77, 2017.

LEFEBVRE, H. **La production de l'espace**. Paris: Anthropos, 1975.

LEVORATO, A. V. **Três Lagoas**: dama em preto e branco. Três Lagoas: Graf Set LTDA, 1999.

LORENZ-SILVA, J. L. **O esponjilito de Três Lagoas MS – registro e caracterização com ênfase em micropaleontologia**. 2004. Dissertação (Mestrado em Geologia), São Leopoldo, 2004.

LIMA, M. G. **Espaços de lazer e territórios juvenis em Três Lagoas/MS**. 2018. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Três Lagoas, 2018.

_____. Produção do espaço e turismo religioso em Santo Expedito/SP. **Revista Presença Geográfica**, Porto Velho, v. 7, n. 1, 2018.

_____; ARANHA-SILVA, E. Apropriação do espaço e territorialização na Lagoa Maior em Três Lagoas/MS: Considerações sobre o lazer, 2017, Porto Alegre. In: XII ENANPEGE - Encontro Nacional da ANPEGE, Porto Alegre. **Anais do XII ENANPEGE - Encontro Nacional da ANPEGE**. Porto Alegre: Associação Nacional de Pós-Graduação em Geografia, 2017.

_____; ARANHA-SILVA, E. Espaços de lazer e territorialização na Lagoa Maior em Três Lagoas/MS: 1900-2016. **CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES**, Málaga, v. 17, n. 1, p. 1-12, 2017.

MAGNANI, J. C. M. Os circuitos dos jovens urbanos. **Revista de sociologia da USP**, São Paulo, v.

17, n. 2, 2005.

OLIVEIRA, A. M. **Estrada de Ferro Noroeste do Brasil: dinâmica sócio-espacial e territorialidade em Mato Grosso do Sul.** 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Aquidauana, 2007.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1993.

RATZEL, F. **Geografia do Homem.** São Paulo: Ática, 1990.

RECKZIEGEL, D. **Lazer noturno: aspectos configuracionais e formais e sua relação com a satisfação e preferência dos usuários.** Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2009.

REIS, L. J. A.; CAVICHIOILLI, F. R. A teoria configuracionista e o surgimento do lazer. In: I Encontro da ALESDE, 2011, Curitiba. **Anais do 1º Encontro da ALESDE.** Curitiba: UFPR, 2011.

ROSENDAHL, Z. Território e territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. **Geografia: temas sobre cultura e espaço.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

RUSSELL, B. **O elogio ao ócio.** Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

SERPA, A. **O espaço público na cidade contemporânea.** São Paulo: Contexto, 2007.

SILVA, C. H. C. O Turismo e a Produção do Espaço: Perfil Geográfico de uma Prática Socioespacial. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 16, n. 2, p. 47-61, 2012.

SILVEIRA, J. D. A excursão no ensino de Geografia. **Revista Geografia**, São Paulo, v. 2, n. 4, 1936.

SOBARZO, O. A. M. **Os espaços de sociabilidade segmentada: a produção do espaço público em Presidente Prudente.** 2004. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista – UNESP, Presidente Prudente, 2004.

SOUZA, M. J. L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (org.) **Geografia: conceitos e temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 77-116.

SUERTEGARAY, D. M. A. Geografia e trabalho de campo. In: Colóquio: O discurso geográfico na aurora do século XXI, 1996, Florianópolis. **Anais do Colóquio: O discurso geográfico na aurora do século XXI.** Florianópolis, Programa de Pós Graduação em Geografia UFSC, 1996. p. 1–11.

THOMAZ, R. C. C. A revalorização e difusão do patrimônio cultural como meio desenvolvimento do turismo rural e cultural: estudo de caso da rede galega do patrimônio arqueológico. **Revista Tópos**, Presidente Prudente, v. 4, n. 2, 2010.

TURRA NETO, N. **Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava: territórios e redes de sociabilidade.** 2008. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista – UNESP, Presidente Prudente, 2008.

USHER, R.; EDWARDS, R. **Postmodernism and education.** London: Routledge, 1994.

XAVIER, H. **A percepção geográfica do turismo.** São Paulo: Aleph, 2007.

SOBRE O ORGANIZADOR

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira

Graduado em Geografia (Bacharelado e Licenciatura) pela PUC -Campinas, Mestre e Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo. Atualmente é Professor do Departamento de Geociências e do Programa de Pós-Graduação em Geografia -PPGEO na Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), onde coordena o Núcleo de Estudos e Pesquisas Regionais e Agrários (NEPRA-UNIMONTES) e o Subprojeto de Geografia - "Cinema, comunicação e regionalização" no âmbito do PIBID/CAPES. Exerce também a função de Coordenador Didático do Curso de Bacharelado em Geografia -UNIMONTES. Tem experiência na área de Geografia Humana, atuando principalmente nos seguintes temas: Geografia Agrária, Regularização Fundiária, Amazônia, Ensino de Geografia, Educação do Campo e Conflitos Socioambientais e Territoriais. Participação como avaliador no Programa Nacional do Livro e do Material Didático-PNLD de Geografia e no Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), vinculado ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). É autor e organizador das seguintes obras: No chão e na Educação: o MST e suas reformas (2011), Cenas & cenários geográficos e históricos no processo de ensino e aprendizagem (2013), Práticas de Ensino: Teoria e Prática em Ambientes Formais e Informais (2016), Geografia Agrária no Brasil: disputas, conflitos e alternativas territoriais (2016), Geografia Agrária em debate: das lutas históricas às práticas agroecológicas (2017), Atlas de Conflitos na Amazônia (2017), Serra da Canastra território em disputa: uma análise sobre a regularização fundiária do Parque e a expropriação camponesa (2018), entre outras publicações.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-333-0

